

MODERNIDADE NOS JARDINS: CORRELAÇÕES ENTRE AS CASAS DE BRATKE E A URBANIZAÇÃO DO BAIRRO PAINEIRAS DO MORUMBI

Anderson Dall Alba
PROPAR – Faculdade de Arquitetura / Universidade Federal do Rio Grande do Sul
dallalba.anderson@gmail.com

RESUMO

O artigo examina o projeto de urbanização idealizado por Oswaldo Bratke para o bairro Paineiras do Morumbi, ao final dos anos 1940, e os projetos das residências Morumbi (1951) e Oscar Americano (1952), ambas construídas simultaneamente à formação do bairro em terrenos pertencentes à gleba delimitada. Sabe-se que o modelo dos bairros-jardins implantados em algumas regiões de São Paulo a partir da década de 1910, que era inspirado na paisagem pitoresca da cidade-jardim teorizada por Howard, foi uma referência para o padrão urbano proposto por Bratke. Por outro lado, as residências Morumbi e Oscar Americano, exemplares da arquitetura idealizada para o local, são reconhecidas como obras importantes da arquitetura moderna brasileira: a primeira integrou os catálogos de Hitchcock (1955) e Mindlin (1956), enquanto a última foi destacada em periódicos relevantes do período, tais como as revistas *Acrópole* (1957) e *Habitat* (1957). Apesar dessas publicações destacarem a sintonia entre a arquitetura das residências e o seu contexto de inserção, nenhuma delas examina o projeto urbano, tampouco apresenta uma implantação integral do conjunto. Ao analisar sequencialmente os projetos do bairro e das casas, este artigo demonstra que, apesar das diferenças em termos de desenho, as suas concepções seguiram princípios comuns, que buscavam uma relação coerente entre arquitetura e paisagem. Partindo dos estudos já realizados acerca da trajetória de Bratke, o trabalho pretende contribuir para uma melhor compreensão desses projetos, concepções relevantes enquanto contribuição do arquiteto e, até agora, tratadas separadamente pela historiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Oswaldo Bratke; arquitetura moderna brasileira; bairros-jardins.

MODERNITY IN THE GARDENS: CORRELATIONS BETWEEN THE HOUSES OF BRATKE AND THE URBAN DEVELOPMENT OF PAINEIRAS DO MORUMBI

ABSTRACT

*This article examines the urban development project idealized by Oswaldo Bratke for the neighborhood of Paineiras do Morumbi, in the late 1940s, and the designs of Morumbi (1951) and Oscar Americano (1952) residences, both of them built simultaneously with the district's formation on sites belonging to the delineated glebe. It is known that the garden suburbs model applied to some regions of São Paulo from the 1910s, that was inspired by the picturesque landscape of the garden city theorized by Howard, was a reference to the urban pattern proposed by Bratke. On the other hand, the Morumbi and Oscar Americano homes, exemplaries of the architecture idealized to that zone, are recognized as important modern Brazilian architecture works: the first appeared in the catalogs of Hitchcock (1955) and Mindlin (1956), while the latter was highlighted in relevant journals of that period such as *Acrópole* (1957) and *Habitat* (1957). Although these publications underline the harmony between the houses' architecture and context, none of them examines the urban development design, nor present its whole layout. When sequentially analyzing the projects of the neighborhood and the houses, this article demonstrates that, despite differences in terms of design, their concepts followed common principles, which sought a coherent relationship between architecture and landscape. Based on the previous studies about Bratke career, this paper aims to contribute a better understanding of these projects, relevant conceptions while Bratke's production and, so far, treated separately by historiography.*

KEY-WORDS: Oswaldo Bratke. Modern Brazilian Architecture. Garden suburbs.

INTRODUÇÃO: DO DESENHO URBANO À ARQUITETURA

Na década de 1950, os catálogos *Latin American architecture since 1945* (1955), de Henry-Russel Hitchcock, e *Modern Architecture in Brazil* (1956), de Henrique Mindlin, incluem a Residência Morumbi, projetada por Oswaldo Bratke, entre as obras significativas de arquitetura moderna nos cenários latino-americano e brasileiro, respectivamente. Desenhada para a própria família, em 1951, a casa é considerada um ponto de inflexão na trajetória do arquiteto, que, até então, era marcada por um número expressivo de obras ecléticas (CAMARGO, 2000:106). No ano seguinte, por solicitação do engenheiro Oscar Americano, Bratke projetou uma segunda residência na mesma região, implantada pouco tempo depois em um grande parque situado na divisa com a sua propriedade. Ainda que tenha recebido menor atenção da crítica internacional, possivelmente devido às estreitas semelhanças que guardava com a concepção anterior, o projeto foi destacado nos periódicos nacionais, principalmente através das revistas *Acrópole* (1957) e *Habitat* (1957). Vistas em conjunto, as duas residências integraram uma extensa porção do atual bairro Paineiras do Morumbi, ainda em incipiente estágio de ocupação no início dos anos 1950. E não por coincidência, o empreendimento que, paralelamente à construção das duas casas, impulsionou a urbanização do local, ocorreu por iniciativa de Bratke e Americano, e foi delineado pelo arquiteto nos moldes dos bairros-jardins implantados em São Paulo a partir da década de 1910.

As implicações das normativas urbanísticas idealizadas por Bratke no projeto de urbanização do bairro ainda estão pouco estudadas. Reflexos, vinculações ou transposições dos princípios que nortearam o desenho urbano para a arquitetura também não estão evidenciados. As primeiras publicações das casas, nas obras canônicas da arquitetura moderna brasileira e nos periódicos, sublinham a correspondência entre arquitetura e contexto, porém não analisam ou apresentam o empreendimento urbano. Este artigo pretende demonstrar afinidades de ideais de concepção entre o projeto das duas casas e o plano de urbanização previsto para o bairro, examinando a relação que esses três projetos buscaram com a paisagem natural do seu entorno.

O panorama da trajetória de Bratke já foi remontado e discutido nas pesquisas de Camargo (1995, 2000) e na extensa publicação de Segawa; Dourado (1997, 2012 2. ed.), que constituem o corpo bibliográfico principal sobre o arquiteto produzido até o momento. O trabalho toma, assim, uma direção de aprofundamento sobre uma base de estudos consistente, e busca contribuir para ampliar a compreensão e as percepções sobre projetos importantes da produção de Oswaldo Bratke, até então abordados separadamente pela historiografia. O texto está organizado em três partes, que seguem a ordem cronológica dos fatos. A primeira aborda a urbanização do bairro Paineiras do Morumbi. A segunda, as residências Morumbi e Oscar Americano. Finalmente, na última parte, são discutidas as correlações entre o projeto do bairro e os projetos das duas casas.

A URBANIZAÇÃO DO BAIRRO PAINEIRAS DO MORUMBI

Na década de 1930, quando a região do atual distrito do Morumbi ainda era uma zona rural, constituída por chácaras e pequenos sítios com cultivo de chá, Bratke adquiriu uma ampla propriedade na área que hoje corresponde ao bairro Paineiras do Morumbi¹ (CAMARGO, 2000:121). A partir de então, passou a incentivar amigos e empresários a investir na região, entre eles o engenheiro Oscar Americano, que comprou a Chácara Clarice ao final dos anos 1940. Tratava-se de uma extensa gleba, com cerca de 110.000 m², contígua à propriedade de Bratke, e já adquirida por Americano com a intenção de subdividir os terrenos para impulsionar a ocupação do local (MARIANO, 2005:138). Juntos, os dois idealizaram o empreendimento que visava a urbanização e o loteamento do bairro, mas cuja responsabilidade pela concepção do projeto ficou a cargo do arquiteto.

A área delineada era limitada pela Avenida Morumbi, a leste, na divisa com o bairro Jardim Leonor, também loteado por Bratke algum tempo depois². A oeste, o limite era, grosso modo, a Rua Marquês de Taubaté, nas vizinhanças do Real Parque, já parcialmente ocupado. O cruzamento entre a Rua “G” e a Marquês de Taubaté, definia o limite norte, próximo ao então edifício da Universidade Matarazzo, construído na década de 1940, hoje ocupado pelo Palácio do Governo (SEGAWA; DOURADO, 2012:49). O limite sul ficava um pouco acima da Capela do Morumbi, na divisa com o bairro Jardim Morumbi, também em fase inicial de ocupação³. Mais ou menos ao centro da área delineada, no maior quarteirão definido pelo projeto, concentravam-se as propriedades de Bratke e Americano, onde em seguida os dois construíram suas residências. Americano constituiu um extenso parque de mata nativa, cujo traçado dos percursos definia uma espécie de quarteirão com lógica própria de utilização. Bratke, provavelmente, esperava uma valorização da região antes de subdividir a sua gleba, hipótese que se reforça pela própria implantação que deu a sua casa.

O projeto de urbanização elaborado compreendia o traçado viário – com a conseqüente configuração dos quarteirões – o parcelamento do solo, e a definição de normativas urbanísticas para a ocupação dos terrenos. Bratke, que já tinha algumas experiências com desenho urbano⁴, tentou imprimir para o Paineiras do Morumbi o padrão dos bairros-jardins

1 Popularmente, o Morumbi também é tratado como bairro. No entanto, para evitar interpretações ambíguas, o trabalho adota a definição atual da Subprefeitura do Butantã, coordenada pela Prefeitura de São Paulo, que trata a região do Morumbi como um distrito composto por 17 bairros, entre eles o Paineiras do Morumbi.

2 O arquiteto foi um dos principais responsáveis pela urbanização do distrito do Morumbi, delineando os bairros de Vila Andrade, Vila Susana, Jardim Leonor e Paineiras do Morumbi (CAMARGO, 2000:126).

3 Limites interpretados com base na reprodução do projeto em CAMARGO, 2000:124 e no processo 3704/52 do Arquivo Municipal de Processos da Prefeitura de São Paulo.

4 Na década de 1940, o arquiteto havia esboçado o loteamento do Jardim do Embaixador, em Campos do Jordão, e participado da urbanização da Ilha Porchat, no litoral da baixada de Santos (SEGAWA; DOURADO, 2012:49).

originalmente introduzido em São Paulo pela Companhia City, na década de 1910, através do bairro Jardim América (SEGAWA; DOURADO, 2012:49). Com desenho original de Barry Parker⁵, o empreendimento comercial da City foi um precursor nesse modelo, que serviu como referência para o planejamento de outros bairros nos anos seguintes, tais como Jardim Europa, Cidade Jardim, e os bairros do Morumbi (WOLFF, 2001:82).

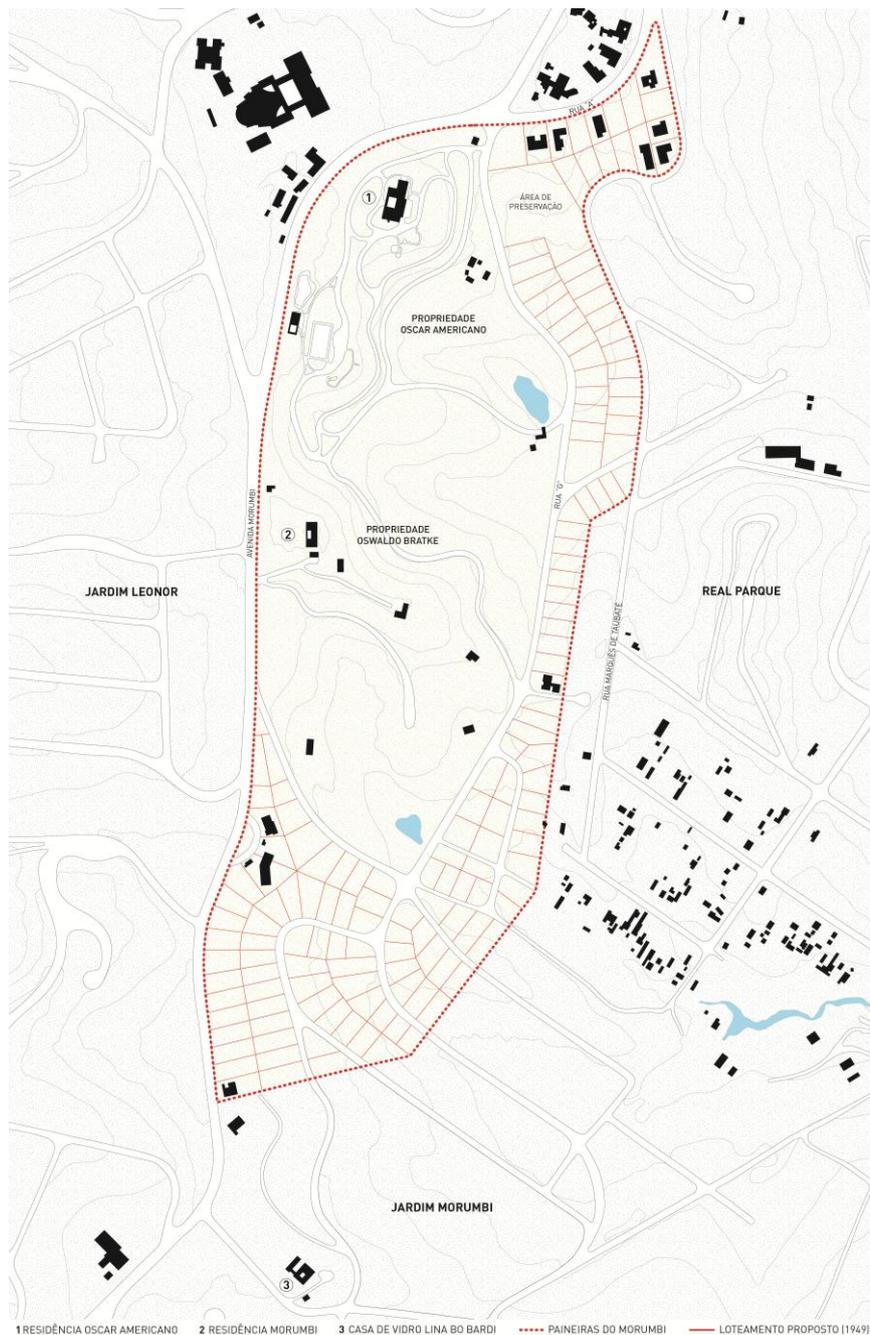


Figura 1 – Paineiras do Morumbi e imediações em 1954. Fonte: Redesenho do autor sobre o mapa Vasp (1954) com base no processo 3704/52 do Arquivo Municipal de Processos da Prefeitura de São Paulo e na reprodução do projeto em CAMARGO, 2000:124.

O padrão urbano desses subúrbios ou bairros-jardins apoiava-se, ainda que à distância, no conceito de cidade-jardim teorizado por Ebenezer Howard na passagem do século XIX para o século XX, porém despidido de ideais utópicos⁶ (WOLFF, 2001:25-26). Em São Paulo, esses bairros ficaram restritos à habitação unifamiliar e voltados principalmente a famílias de médio e alto poder aquisitivo. Eram modelos que tinham como característica fundamental a busca de uma relação harmoniosa com a natureza e a ênfase na *“arquitetura vista como parte da paisagem [grifo nosso] e do ambiente natural*

5 Arquiteto inglês que, junto ao sócio, Raymond Unwin, deu forma concreta à Letchworth, em 1903, a primeira cidade-jardim da história. Nesse mesmo ano os dois projetaram também o subúrbio-jardim de Hampstead, nos arredores de Londres, reconhecido na época como um bem-sucedido modelo urbanístico (WOLFF, 2001:25).

6 A respeito das diferenças entre os conceitos de cidade-jardim e subúrbio ou bairro-jardim, consultar: WOLFF, S. Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

[...]”, destaca Wolff (2001:31). A natureza era encarada como um elemento de composição, sobre a qual a intervenção deveria ser controlada, de forma a tirar partido das suas irregularidades para criar vistas variadas e realçar efeitos pitorescos. Em termos de configuração urbana, esses ideais eram traduzidos no desenho de ruas sinuosas e arborizadas – traçadas de acordo com a topografia original do terreno – em baixas densidades, e no predomínio de áreas verdes sobre a área construída.

Essa relação com a paisagem natural norteou a concepção de boa parte dos bairros-jardins implantados em São Paulo, que além dos procedimentos de desenho mencionados, normalmente estabeleciam também algumas regras para a ocupação dos terrenos. Inspirado nesse modelo, o projeto de urbanização de Bratke para o Paineiras do Morumbi seguiu alguns desses princípios de concepção e ordenação. À exceção da Avenida Morumbi, parcialmente existente, o traçado das ruas buscou seguir as inclinações menos acentuadas entre as curvas de nível e respeitar o relevo natural, evitando, assim, alterações bruscas na topografia (MARIANO, 2005:138). De forma similar ao Jardim América da City, os quarteirões foram loteados em terrenos grandes⁷, com cerca de 20 m de testada e áreas variando entre pelo menos 510 m² chegando a quase 1000 m², que possibilitavam amplas construções em meio ao verde natural do entorno⁸. O uso do solo foi restrito exclusivamente a construção de residências, prevendo limites quanto à taxa de ocupação dos lotes e recuos consideráveis em todos os alinhamentos – sendo o frontal de pelo menos 10 m (SEGAWA; DOURADO, 2012:50).

As obras de arruamento e execução de infraestruturas começaram logo no início dos anos 1950, coincidindo com a implantação de outros bairros na região. Em pleno processo de urbanização, o Morumbi se tornou um cenário atrativo sobretudo a famílias privilegiadas que buscavam uma alternativa à paisagem edificada e à vida tumultuada que se impunham com o crescimento vertical da área central de São Paulo. Eram famílias que desejavam qualidade de vida em um ambiente pitoresco, uma vivência em contato com a natureza, mas sem perder as facilidades oferecidas pela cidade. Aspirações essas que estavam estreitamente alinhadas aos princípios que nortearam a concepção do Paineiras do Morumbi e de boa parte dos bairros que hoje compõe o distrito. As normativas que ordenavam o padrão desses bairros iam ao encontro do ideal de viver em áreas amplas, descomprimidas e envoltas por uma paisagem de feições bucólicas, localizadas a poucos quilômetros da área central da cidade.

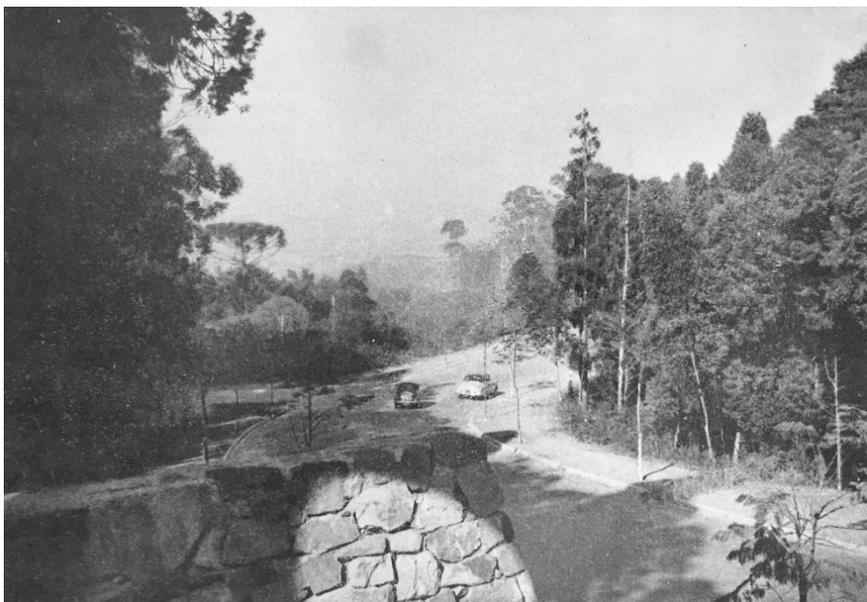


Figura 2 – O Morumbi no início dos anos 1950. Foto a partir da Capela do Morumbi, nas vizinhanças do empreendimento de Bratke e Americano. Fonte: Habitat, nº 10, 1953, 27.

Bratke pensou ainda em constituir três grandes praças distribuídas nos arredores do empreendimento, onde seriam instalados equipamentos comerciais, de lazer e de serviços, concentrados em *shoppings centers* (SEGAWA; DOURADO, 2012:50). Buscava, assim, possibilitar uma certa autonomia funcional da região em relação à malha de serviços principal da cidade.

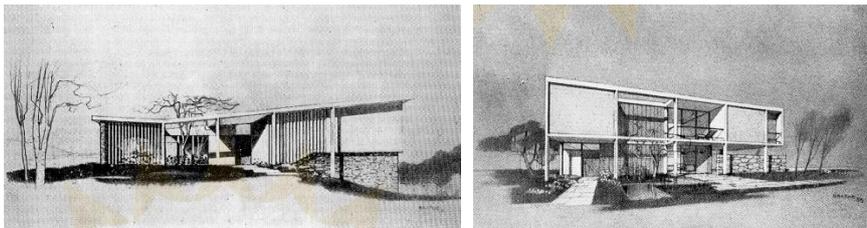
Na prática, entretanto, boa parte dessas intenções não se concretizaram. Os planos de implantar equipamentos urbanos não foram adiante, assim como alguns dos empreendedores mais comprometidos com a ocupação da área não respeitaram as diretrizes preestabelecidas, o que comprometeu a coerência ambiental do conjunto. Camargo (2000:127) aponta que “essa região deveria ter se constituído numa repetição do que se verificou no período anterior com os bairros-jardins (*Jardim Paulista, América, Europa, Paulistano*), naquela época configurados como periferia da cidade”. No entanto, ao contrário dos empreendimentos da City, que conseguiu incorporar suas regras à legislação municipal (WOLFF, 2001:60-65), não houve um controle rigoroso sobre as normativas estabelecidas pelo projeto, que acabou se diluindo entre os

7 A título de comparação, os terrenos mais frequentes do Jardim América possuíam em torno de 900 m², porém havendo casos entre 360 a 450 m² (WOLFF, 2001:140). Tratam-se de áreas bastante similares às viabilizadas nos lotes do Paineiras do Morumbi.

8 Números com base no processo 3704/52 do Arquivo Municipal de Processos da Prefeitura de São Paulo.

vários participantes. Nos anos 1990, o próprio Bratke reconsiderou o tipo de ocupação que propôs, reconhecendo que a restrição do uso do solo à construção exclusiva de residências teria prejudicado a vitalidade do bairro (SEGAWA; DOURADO 2012:50). Camargo (2000:128) relembra, porém, que os princípios de zoneamento funcional preconizados pela Carta de Atenas (1933) influenciaram o planejamento urbano por décadas. De qualquer forma, cabe ressaltar que o interesse deste trabalho, dentro dos limites estabelecidos, não é analisar o desfecho do empreendimento, cujo sucesso também dependia de fatores que extrapolam o campo da disciplina⁹, mas sim examinar os ideais de concepção subjacentes ao projeto de urbanização.

Além das residências Morumbi e Oscar Americano, projetadas e executadas simultaneamente à implantação do empreendimento, Bratke estudou alguns outros exemplares de moradias na região. As perspectivas desses estudos evidenciam o padrão urbano que o arquiteto tinha em mente ao conceber o projeto do bairro: casas soltas em meio a uma generosa área verde, com a paisagem natural compondo as visuais em relação direta com a arquitetura. O amplo recuo frontal e a eliminação de cercas ou muros altos possibilitaria vistas abertas desde o passeio e estabeleceria a continuidade entre a casa, o jardim de frente e o espaço público.



Figuras 3 e 4 – Oswaldo Bratke: estudos de residências no Morumbi, início dos anos 1950.
Fonte: *Acrópole*, nº 171, 1952, 109 (esquerda). *Acrópole*, nº 184, 1953, 184 (direita).

Promissor quanto ao cenário que propunha, o Morumbi se tornou palco de obras significativas da arquitetura moderna brasileira logo no início dos anos 1950. Em 1949, a região também despertou o interesse dos Bardi. Nesse ano, Lina e Pietro adquiriram dois terrenos no Jardim Morumbi, onde construíram a residência projetada pela arquiteta dois anos depois (LIMA, 2013:55). Tratava-se de um novo bairro contíguo ao empreendimento de Bratke e Americano, urbanizado no mesmo modelo pela Companhia Imobiliária Morumbi, ao final dos anos 1940 (INVAMOTO, 2012:309). Nas páginas de *Habitat*, o casal não escondeu entusiasmo pela paisagem que se delineava. Em 1951, a revista mencionava os avanços das obras viárias e elogiava o “*verde bellissimo*” que despontava das visuais do entorno. As notas reivindicavam ainda para que se tentasse estabelecer uma “*convenção para a arquitetura*”, que deveria ser erguida em “*moldes rigorosamente contemporâneos*” (nº 5, 66). Já em 1953, na matéria “*O Jardim Morumbi: Arquitetura-Natureza*” (nº 10, 26-30), *Habitat* dedicava cinco páginas para destacar as virtudes da região. Os Bardi apontavam que “*no Morumbi o progresso é palpável*”, uma área que estava destinada a ser “*o prolongamento natural de São Paulo residencial*”. Eufóricos, elogiavam o respeito à natureza e acreditavam que em breve surgiria a “*arquitetura, ou melhor, a arquitetura-paisagem [grifo nosso]*”. Na sequência da matéria, aparece a Casa de Vidro, de Lina, seguida pela Residência Morumbi, de Bratke. Tacitamente se sugeria o “*modelo*” de arquitetura considerado ideal para os novos bairros.

AS RESIDÊNCIAS MORUMBI E OSCAR AMERICANO

Divisor de águas da trajetória de Bratke, o projeto da Residência Morumbi marcou o início da sua produção de arquitetura propriamente reconhecida como moderna. Projetada em 1951, com as obras de urbanização do Paineiras do Morumbi ainda em andamento, a casa foi construída dois anos depois na parte superior da sua propriedade.

Preservando a topografia do terreno, Bratke implantou a moradia de frente para a Avenida Morumbi, com um amplo recuo frontal de cerca de 50 m a partir do passeio¹⁰. A volumetria era simples: um prisma retangular de desenvolvimento horizontal ligeiramente elevado do nível do solo e disposto sobre a parte mais alta do lote, no topo de uma leve colina, envolvido pela paisagem natural e harmoniosamente pousado sobre o terreno.

A elementaridade do partido se manteve em geometrias simples que controlavam todo o projeto. Uma malha racional com vãos de aproximadamente 4,5 m no sentido longitudinal por 4,75 m e 2,75 m no transversal coordenava tanto a disposição da estrutura quanto a configuração dos espaços internos. O programa foi concentrado praticamente em um pavimento: dormitórios, banheiros, estar, jantar, escritório, cozinha e quarto de empregada. A área de serviços e o acesso à garagem, localizada na área externa, foram dispostos em um pequeno subsolo criado a partir da implantação adotada, que tirava partido do desnível do terreno.

9 Camargo (2000:127) aponta que os loteamentos de Bratke ocorreram de forma isolada, sem o necessário engajamento com o poder público. Argumenta ainda que a gestão do prefeito Prestes Maia, nos anos 1940, executou apenas em parte obras de infraestrutura importantes para o sucesso do projeto, tais como a retificação do canal do rio Pinheiros.

10 Com base no projeto de aprovação da residência, que está anexo ao processo 2396/51 do Arquivo Municipal de Processos da Prefeitura de São Paulo.

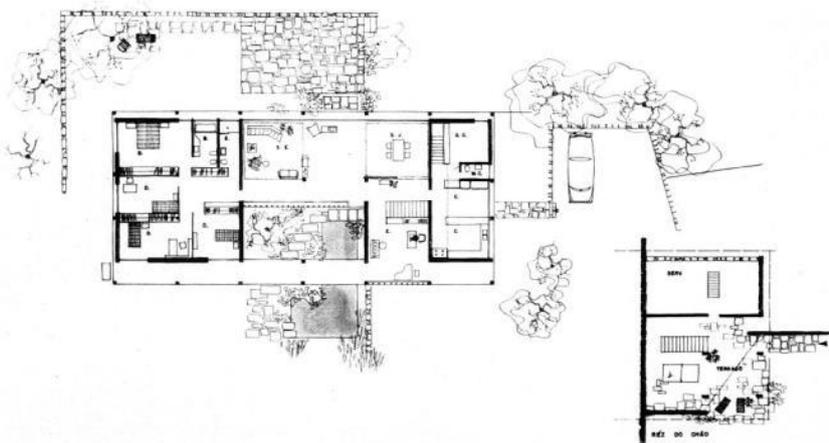
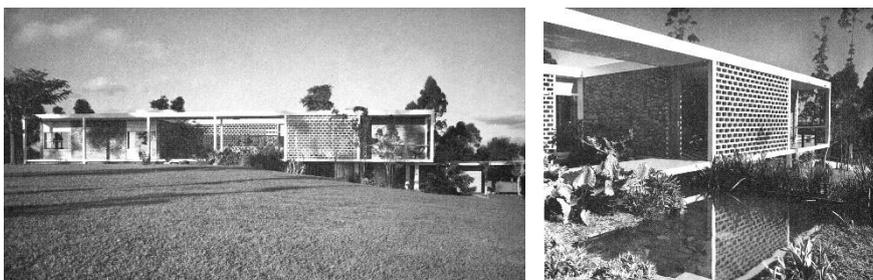


Figura 5 – Residência Morumbi: planta baixa dos pavimentos térreo (esquerda) e subsolo (direita). Sem escala. Fonte: WERK Architektur Kunst Kunstlerisches Gewerbe, Brasilien, iss 8, 1953:254.

A partir do passeio, se alcançava a residência percorrendo um extenso trajeto pelo jardim de frente, onde a arquitetura se revelava em ângulo oblíquo junto à paisagem circundante. Já na parte alta do lote, o primeiro contato com o edifício era feito por uma varanda aberta e coberta, que corria a fachada estabelecendo uma transição gradual entre o jardim de frente e o interior da casa. Antes do ingresso, o elemento natural novamente se fazia presente: ao centro da composição, uma subtração na volumetria delimitava um amplo jardim integrado ao corpo do edifício, que indicava o acesso ao mesmo tempo em que se configurava como uma primeira recepção à moradia.



Figuras 6 e 7 – Vista geral a partir do jardim frontal (esquerda).
 Detalhe da residência e dos jardins desde o acesso (direita).
 Fonte: WERK Architektur Kunst Kunstlerisches Gewerbe, Brasilien, iss 8, 1953:255.

A planta foi setorizada em áreas de atividades diurnas e noturnas, com possíveis referências ao princípio binuclear de Breuer (CAMARGO, 2000:107). Dormitórios e áreas de trabalho concentrados em extremos opostos, separados pelo amplo setor social. Nenhuma das fachadas era totalmente opaca, todas possuíam aberturas para os jardins. Aos fundos, os espaços sociais se abriam para vistas em direção ao vale do rio Pinheiros através de amplos panos de vidro do piso ao teto, que reforçavam a integração com a natureza ao mesmo tempo em que diluíam os limites entre interior e exterior. A busca de uma relação direta com a paisagem é ainda mais notável a partir da sala de estar, disposta em posição simétrica ao centro da planta, e imediatamente articulada aos jardins contíguos às fachadas de frente e fundos. Apesar da composição lúdica envolvendo elementos de formas orgânicas – água, vegetação e pedra bruta – o paisagismo desses jardins constituía uma extensa faixa de geometria razoavelmente retangular, que cruzava transversalmente a planta insinuando fluidez através do edifício. Curiosamente, essa faixa possuía uma extensão muito similar à maior dimensão do volume propriamente construído: se a composição arquitetônica era uma barra linear em termos de volumetria, a composição de conjunto aludia a uma cruz quando se considera o entrelaçamento do paisagismo à planta.

Volumetricamente, a estrutura exposta era o próprio elemento gerador da forma arquitetônica, que se manifestava como protagonista da composição ordenando todo o conjunto. Pilares e lajes compunham pórticos deixados à mostra em todas as faces do edifício, onde Bratke explorou assimetrias na alternância entre cheios e vazios. Tratava-se de uma composição rigorosa, racional, reduzida a elementos construtivos mínimos, que ganhou leveza graças à proporção equilibrada entre as partes, ao contraponto entre texturas e às variações nas possibilidades de fechamento. Fechados, abertos ou semiabertos, esses pórticos estabeleciam distintas relações entre interior e exterior, e eventualmente, quando vazados, serviam como uma moldura para a paisagem dos jardins.

Esse modelo ensaiado na autoencomenda serviu como protótipo para o projeto da residência de Oscar Americano, construída em 1954 em meio a um grande parque privado de autoria do paisagista Otávio Augusto Teixeira Mendes¹¹.

11 Mendes também é autor do projeto executado do Parque do Ibirapuera, cuja primeira elaboração havia sido encomendada a Roberto Burle Marx (MARIANO, 2005:111-121).

Segundo Mariano (2005:147), a relação entre Bratke e Mendes não está estabelecida, embora a articulação coerente entre as implantações da casa e do parque indique um provável trabalho conjunto entre os dois.

Bratke adotou novamente uma volumetria simples e de demarcada horizontalidade, que se abre para os jardins buscando visuais para a paisagem. A inserção no terreno repete estratégias utilizadas na concepção anterior, com o edifício suavemente pousado sobre o solo e acomodado em uma cota elevada, sem interferir significativamente no perfil natural.

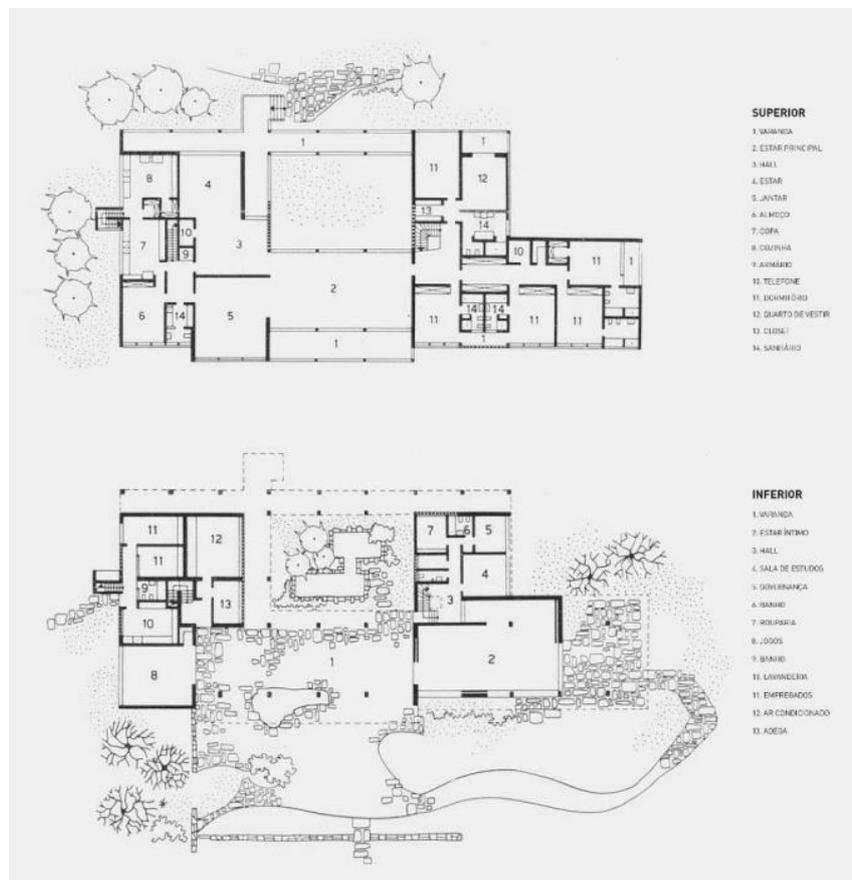


Figura 8 – Residência Oscar Americano: planta baixa dos pavimentos superior (acima) e inferior (abaixo). Sem escala. Fonte: Acervo da biblioteca FAUUSP, coleção Oswaldo Bratke, código B737_728.3 O.

Apesar da variação no tamanho dos vãos, a estrutura foi disposta em uma malha racional, com nove pilares no sentido longitudinal e cinco no transversal, que definem um retângulo maior em planta. Unido a este, um retângulo menor configurado pelo acréscimo de dois vãos transversais e um em balanço avança na fachada norte. O partido se desenvolveu em dois pavimentos, adaptado a um programa bem mais extenso: no térreo, os dormitórios, em sua maioria suítes, amplo setor social e as áreas de trabalho; no pavimento inferior, serviços, quartos de empregados e a área íntima da família.

Adentrava-se o parque em uma cota mais baixa, precisamente no cruzamento entre a Avenida Morumbi e a Rua “A”. Desde o portão de entrada, a residência se revelava em um nível mais elevado, insinuando imponência nas visuais junto à paisagem verde que a cercava. Aos poucos, o edifício ia se descortinando no decorrer do percurso em aclive que conduzia ao acesso principal. As elevações leste e norte, com um caráter mais reservado, eram as primeiras a se expor. Já a elevação oeste, aberta e predominantemente translúcida, revelava o acesso junto a um grande pátio incorporado à volumetria, mesma estratégia da Residência Morumbi. No entanto, agora, o acesso não é direto: a oposição entre as entradas da residência e do parque sugeria que assim como a paisagem natural dos jardins, também a arquitetura era para ser apreciada gradualmente. Os percursos sinuosos no entorno à moradia ganhavam elementos de interesse distintos, em efeitos claramente pitorescos, com visuais dinâmicas e em espacialidades crescentes, que despertavam o interesse pelo objeto arquitetônico antes de convidar ao ingresso.



Figura 9 – Vista geral da fachada oeste, com o acesso principal ao centro.
Fonte: Acrópole, nº 226, 1957, 56.

As variações nas texturas dos materiais, o jogo de cheios e vazios e a exploração de gradações de transparência nas fachadas aparecem novamente. O zoneamento das plantas em núcleos de atividades também seguiu os mesmos princípios da concepção anterior. Na sala de estar, amplas aberturas integravam interior e exterior, abrindo vistas para o pátio incorporado à volumetria, a oeste, e para os jardins do parque e o horizonte, a leste. Descendo ao pavimento inferior, a continuidade entre edifício e paisagem se mantinha. O desenho de piso desde a varanda, executado em mosaicos de pedra portuguesa de autoria de Lívio Abramo (SEGAWA; DOURADO, 2012:122), se ajustava às áreas abertas da residência estendendo a arquitetura até os jardins. A topografia irregular do terreno permitiu que Bratke explorasse o entorno imediato à casa estabelecendo espaços ora contíguos, ora autônomos, ora ambivalentes em relação ao parque.



Figura 10 – Vista do pátio junto ao acesso a partir da sala de estar. Fonte: SEGAWA, H.; DOURADO, G. M. Oswaldo Arthur Bratke. 2. ed. São Paulo: PW Editores, 2012:128.

Uma série de estratégias e procedimentos de projeto evidenciam a busca de uma relação harmônica entre arquitetura e natureza, que norteou a concepção das duas casas. Atenta-se para o fato de que essa relação nunca buscou o mimetismo, mas sim a sintonia e o equilíbrio entre as partes. Se o rigor das volumetrias adotadas e as implantações em cotas elevadas insinuavam imponência, por outro lado, a leveza e a sobriedade das composições harmonizavam a presença da arquitetura na paisagem. A horizontalidade dos partidos se ajustava pacificamente à linha do horizonte e às visuais panorâmicas de um cenário de feições ainda bucólicas. E da mesma forma que a tensão imponência *versus* discricção, cabe observar ainda que essa relação também era marcada pela dualidade autonomia *versus* dependência. Apesar de tirar partido do perfil natural dos terrenos, a ligeira elevação dos edifícios em relação ao nível do solo manifestava a insubordinação da arquitetura, que não se submeteu formalmente à topografia preexistente. Pelo contrário, a estratégia permite distinguir claramente a intervenção realizada sobre a paisagem através da arquitetura. Já a predominância de fachadas abertas, em franca relação com o exterior, a busca de visuais estratégicas, e o próprio paisagismo insinuando continuidade entre as casas e os jardins, tornavam essas residências dependentes do seu contexto. Uma vinculação fortalecida ainda mais pelos pátios abertos incorporados às volumetrias, sempre junto aos acessos. Essa estratégia parece ser menos uma resposta a demandas de habitabilidade e mais uma clara intenção de encarar a paisagem como parte do programa arquitetônico. Com efeito, tratava-se de uma relação de complementaridade, onde a existência de tensões apenas reforçou um diálogo equilibrado entre as partes.

Após ter sido vendida em meados da década de 1960, a Residência Morumbi foi descaracterizada em uma reforma e demolida anos depois (CAMARGO, 2000:109). Já a Residência Oscar Americano foi convertida em fundação em 1974, e

apesar de manter as linhas gerais do projeto, os interiores foram significativamente alterados para abrigar o novo programa.

ARQUITETURA E PAISAGEM, PAISAGEM E ARQUITETURA

As correlações entre o projeto de urbanização do bairro e os projetos das duas casas convergem para ideais de concepção comuns. As normativas de ordenação propostas para a ocupação dos terrenos, que implicavam em casas isoladas em meio a áreas verdes abundantes, bem como os procedimentos de desenho urbano adotados, visavam enfatizar a presença da paisagem nas visuais. Princípios esses que se refletiram nos projetos das residências, sempre relacionadas de diversas formas ao ambiente que as cerca, tirando partido de perspectivas e visuais estrategicamente planejadas, através de concepções que claramente encararam a paisagem como um elemento de composição arquitetônica.

Cabe observar ainda algumas características contrastantes em termos de desenho. Enquanto o modelo urbano dos bairros-jardins, que foi uma referência para o projeto do bairro, valorizava o pitoresco, o irregular, os efeitos cenográficos e a paisagem imprevisível, a arquitetura das casas, por outro lado, foi concebida em formas regulares, geométricas, precisas, com enquadramentos visuais planejados, segundo princípios racionalistas manifestamente modernos. Essas diferenças, no entanto, não resultaram em desarticulação, mas sim em comunhão: a harmonia entre as casas e o ambiente que as cerca é produto da sintonia de princípios entre a concepção urbanística e as concepções arquitetônicas.

O que Bratke buscava, provavelmente, era uma coerência na paisagem do bairro, que seria alcançada tanto com o desenho urbano adotado quanto através da arquitetura a ser realizada. A denominação de "Paineiras do Morumbi" não parece ter sido acaso, mas sugere o envolvimento do arquiteto com a natureza do local. Entre vários exemplares de estudo, as residências Morumbi e Oscar Americano são testemunhos do cenário idealizado para a região. Os princípios de valorizar e destacar a paisagem natural, evidenciados no projeto urbano, foram transpostos às concepções das duas casas: Bratke não apenas buscou integrar a arquitetura à paisagem como também a paisagem às suas próprias arquiteturas.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, M. J. Princípios de Arquitetura Moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke. São Paulo: Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2000.
- _. Oswaldo Bratke: uma trajetória de arquitetura moderna. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Mackenzie, 1995.
- EIGENHEIM DES ARCHITEKTEN: Oswaldo A. Bratke, Architekt, São Paulo. In: WERK Architektur Kunst Künstlerisches Gewerbe, Brasilien, iss 8, 1953, 254-255.
- FERRAZ, G. "Novos valores na arquitetura moderna brasileira – II – Oswaldo Bratke". Habitat. São Paulo: n°. 45, Novembro-Dezembro 1957, 21-36.
- HITCHCOCK, H. R. Latin American architecture since 1945. New York: The Museum of Modern Art, 1955.
- INVAMOTO, D. Futuro pretérito: historiografia e preservação na obra de Gregori Warchavchik. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2012.
- LIMA, Z. Lina Bo Bardi. New York: Yale University Press, 2013.
- MARIANO, C. Preservação e paisagismo em São Paulo: Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: Annablume, Fapesp, Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005.
- MINDLIN, H. Modern architecture in Brazil. Rio de Janeiro/Amsterdam: Colibris, 1956.
- O JARDIM MORUMBI: Arquitetura-Natureza. Habitat. São Paulo: n°. 10, 1953, 26-44.
- O MORUMBI. Habitat. São Paulo: n°. 5, 1951, 66-67.
- OSWALDO ARTHUR BRATKE. Acrópole. São Paulo, n°. 184, Agosto 1953, 183-184.
- RESIDÊNCIA F. C. Acrópole. São Paulo, n°. 171, Julho 1952, 109.
- RESIDÊNCIA NO MORUMBI. Acrópole. São Paulo: n°. 226, Agosto 1957, 358-362.
- SEGAWA, H; DOURADO, G. M. Oswaldo Arthur Bratke. 2. ed. São Paulo: PW Editores, 2012.
- WOLFF, S. Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial do Estado, 2001.